

PANORAMA ECONÔMICO



FLÁVIA OLIVEIRA (interina)

Mau sinal

• A combinação arrasadora de inflação e juros altos, desemprego recorde e economia desaquecida deve fazer de 2003 um ano ruim para quem trabalha. Especialistas identificam os primeiros sinais de que a queda real nos rendimentos, em consequência da escalada dos preços, está empurrando para o mercado membros da família que, até então, não buscavam ocupação.

Na primeira Pesquisa Mensal de Emprego deste ano, o IBGE detectou aumento de 1,7% no total de pessoas com trabalho ou à procura de vaga. Mas o número de desempregados cresceu mais (8,2%) que o de ocupados (0,9%). Os dados dão pistas também sobre o perfil dos que estão buscando ocupação. O número de mulheres aumentou 10,4% — foi o dobro dos homens. Cresceu 10,8% a procura entre quem nunca trabalhou. E quase um em cada quatro começou a buscar ocupação há, no máximo, 30 dias.

— Houve um aumento forte na procura por emprego. Isso pode ter relação com a perda de rendimento, que vem ocorrendo desde 1998. Se a renda do chefe não é suficiente, outros integrantes da família acabam entrando no mercado para garantir mais dinheiro — explica o economista Gustavo Gonzaga, da PUC-Rio.

O raciocínio casa-se com algumas informações da pesquisa do IBGE. O aumento da procura por ocupação pelas mulheres pode indicar que donas de casa ou filhas estudantes estão entrando no mercado para compor a renda familiar. Isso também ajudaria a explicar a busca de emprego por quem jamais havia trabalhado.

— A entrada no mercado por causa da perda de ren-

dimento é uma das razões para o desemprego ter subido — completa o economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Neri também atenta para o que chama de desemprego encorajado. Trata-se do mesmo fenômeno que fez as pesquisas sobre expectativas do consumidor baterem recorde positivo após a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva. Se as pessoas se sentem mais confiantes no futuro, tendem a procurar emprego, fazer dívidas, aumentar suas apostas, enfim.

A Sondagem de Expectativas do Consumidor — coordenada por Karina Carvalho e Alexandre Seabra, também da FGV — mostrou que, de outubro de 2002 para janeiro deste ano, aumentou a proporção de pessoas que consideravam mais fácil arrumar trabalho nos seis meses seguintes. No mês da eleição, 16% estavam otimistas. Em janeiro, passaram a 21%. A proporção de pessimistas caiu fortemente: de 50% para 41% o total dos que acham que será mais difícil encontrar ocupação.

— O otimismo leva as pessoas ao mercado. Mas como as condições macroeconômicas não são boas, o desemprego tende a subir. Ainda que o total de ocupados não se altere — diz Neri.